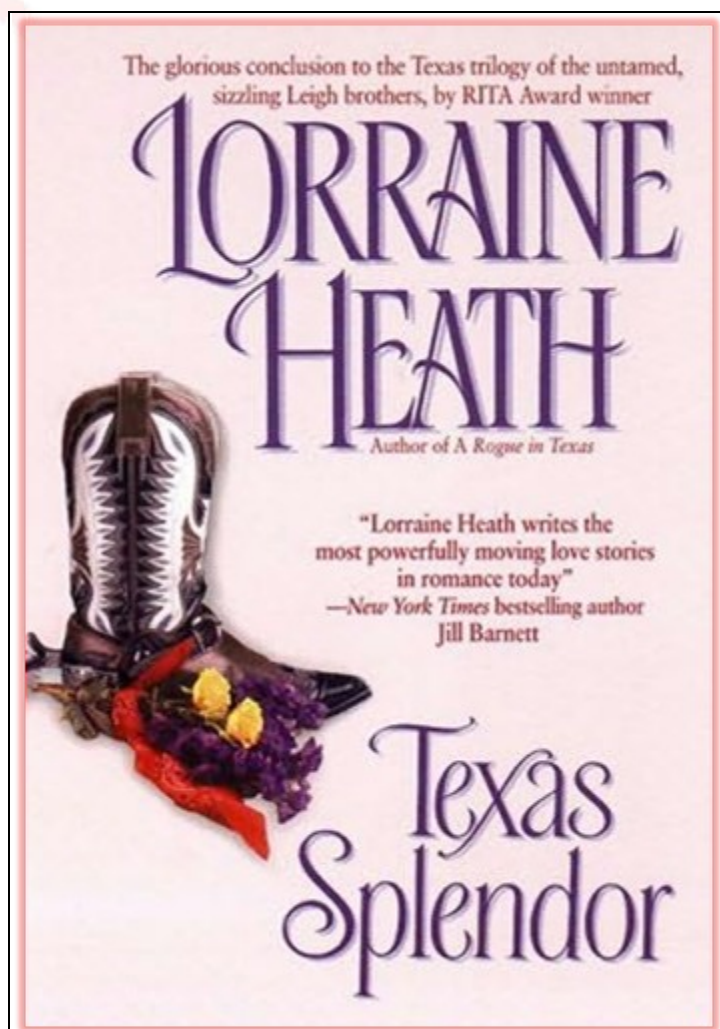


# Esplendor Texano

## Lorraine Heath



TRILOGIA

TEXAS 03

*Cinco anos na  
não cometeu...*

*prisão por um crime que ele*

*Esse foi o tempo que Austin Leigh teve que esperar para limpar seu nome e voltar a se reunir com sua amada Becky. Mas, quando ele finalmente foi solto, Becky estava casada com outro. Agora, Austin está determinado a descobrir quem foi o assassino que destruiu sua vida e arruinou sua única chance de amar. Ele procura justiça – e vingança. Mas o que ele descobre ao longo do caminho é algo um pouco diferente. O nome dela é Loree Grant, e ela sobreviveu a sua própria tragédia. Ela é o tipo de amigo que Austin nunca teve, uma verdadeira companhia em sua longa estrada de perdão e redenção. E Austin lentamente despe sua alma para essa forte e linda mulher, ele começa a abrir seu coração... ao amor.*

Disponibilização e Tradução: Ana Claudia Rocha e Yuna

Revisão: Ana Mota

Revisão Final: Sky

Formatação: Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

(\*) N. da R.: A gloriosa conclusão da trilogia texana, dos quentes e indomáveis irmãos Leigh, escrito por uma ganhadora do RITA Award.

(\*\*) N. da R.: "Lorraine Heath escreve as mais poderosas e tocantes histórias de amor no romance atual". —Jill Barnett (autora de bestsellers do New York Times).

## Capítulo 01.

Abril de 1887.

Momentos roubados para nunca serem recuperados. não valiam a pena serem lembradas permaneciam na de sua consciência, pouco dispostas a serem esquecidas.

Cinco anos morrendo lentamente.

Austin Leigh olhou para o portão da Prisão de Huntsville, sabendo que o resto de sua vida estava esperando do outro lado, lado este que ele tinha deixado cinco anos atrás quando doze homens o tinham considerado culpado de assassinato.

Depois de sobreviver mil oitocentos e vinte e cinco dias como um "escravo do estado", ele uma vez mais vestia suas próprias roupas. A camisa de cambraia azul ficava solta em seus ombros largos, e sua calça curta de brim ameaçava deslizar através de seus quadris estreitos. Mas elas eram dele, as roupas que ele usava aos vinte e um anos quando tinha toda a vivacidade da mocidade, quando tolamente acreditava que uma pessoa apenas precisava correr atrás de um sonho para realizá-lo.

Nos anos que se passaram, ninguém tinha lavado suas roupas, e quando ele fechava os olhos, imaginava sentir uma fragrância de baunilha, um cheiro feminino desvanecendo, sentia dedos esbeltos tocando sua camisa pela última vez, sentia o sabor das lágrimas e lábios dela durante a despedida agonizante.

Becky. A doce Becky Oliver. Dentro de seu coração, as memórias distantes valsavam e ele a via claramente—sorrindo para ele, rindo com ele, amando-o sob as estrelas em uma noite banhada pela lua. Uma noite em que eles tinham se dado tanto um ao outro, não sabendo que ações de outras pessoas roubariam tudo.

O som de algemas tinindo o tirara de seu devaneio. Com repugnância, ele encarou o guarda que soltava as algemas que circundavam seus pulsos. O ferro caiu e Austin esfregou as cicatrizes rosadas que tinham se formado ao longo dos anos.

"Então, agora, menino", o guarda começou, "não faça nada lá fora que faça você voltar para cá. Eu posso não ser tão compreensivo da próxima vez".

"Apenas abra o maldito portão", Austin rosnou por entre dentes trincados.

O guarda estreitou os olhos como que contemplando as consequências de bater em um homem à beira de recuperar a liberdade. Então abriu o portão. O ranger das dobradiças ecoou no silêncio do amanhecer.

Austin fechou um pouco os olhos ao encontrar o céu claro que havia além das paredes. Ele parecia intocado pela sujeira e degradação que existia dentro da prisão. Com passos largos e longos, ele caminhou para a liberdade, apreciando o primeiro fôlego com um ar não fétido. O coração dele se apertou quando viu por um momento seus dois irmãos de pé na frente com três cavalos.

"Você parece péssimo", Dallas disse, com a voz estrangulada com emoções.

Austin se perguntou quando a cor prata tinha aparecido no cabelo preto de Dallas. Os sulcos em sua testa tinham se aprofundado e pontos brancos estavam visíveis em seu bigode espesso. "Eu me sinto péssimo", ele disse, forçando a boca a formar um sorriso.

Dallas o puxou contra o peito. "Maldição, menino, o que diabos achou que estava fazendo?".



Memórias que  
extremidade

Austin lutou para sair do abraço forte do irmão. A última vez que tinha visto Dallas, ele estava lutado para viver. Austin tinha temido o momento quando teria que enfrentar o inflexível olhar marrom de Dallas e explicar suas ações. "Eu pensei que era o melhor a fazer".

Virando, ele achou mais fácil encontrar o olhar de Houston. O irmão do meio tinha se sentado atrás dele durante o julgamento. A guerra tinha destruído parte do rosto de Houston, mas os anos seguintes o tinham tratado mais amavelmente. Ou talvez fosse simplesmente por que o tapa olho de couro preto permanecesse inalterado e assim parecesse que tudo estava a mesma coisa.

Austin não tinha a intenção de dar a Houston nada além de um aperto de mão, mas assim que suas palmas crespas se encontraram, ele se encontrou em um abraço intenso. Houston sempre tinha sido um homem de poucas palavras, e agora Austin estava agradecido pelo silêncio do irmão. "Vejo que você trouxe o Trovão Negro".

Ele se livrou do abraço de Houston e montou o garanhão cor de ébano em um movimento fluido, contínuo, apreciando sentir o cavalo sob si. Certo de que seus irmãos o seguiriam, ele deixou sua bota preta bater nos flancos de Trovão, fazendo o cavalo partir em um galope firme.

A estrada se abriu diante dele, mas ele temia que não importasse o quão rápido ou quão longe ele montasse, ele verdadeiramente não escaparia das paredes que o tinham cercado... não até que visse Becky. Tocasse-a. Abraçasse-a. Fizesse-a sua esposa.

O coração de Austin cresceu quando viu a enorme casa de adobe. Ele carregava o pó de vários dias de viagem, mas neste momento, isto parecia sem importância.

Ele estava em casa.

Enquanto se aproximavam da casa de Dallas, Austin viu uma menina saltar da varanda e correr para dentro. Ele parou o cavalo e desmontou, os irmãos fizeram o mesmo.

A menina saiu pelos fundos da casa, os cachos loiros saltando ao redor dos ombros minúsculos, os braços muito abertos. "Tio Austin! Você voltou!".

Ela saltou para ele, e ele a segurou nos braços.

"Eu estou tão contente!", ela chorou. "Senti tanto sua falta!", sua suave bochecha tocou a bochecha áspera dele, os braços firmemente ao redor de seu pescoço.

Ele inclinou a cabeça para trás, vendo alegria refletida no verde de seus olhos. A filha mais velha de Houston tinha três anos de idade quando ele tinha partido. "Maggie May quando você cresceu?".

"Muito tempo atrás. Eu e o Rawley vamos para a escola agora".

"É mesmo?", ele olhou além dela e viu um menino alto debruçado contra a viga da varanda, o cabelo preto nitidamente aparado, as roupas quase novas.

"Hm-hmm", ela o assegurou.

Ele a abaixou e lentamente se aproximou de Rawley Cooper. Austin não ficou surpreso quando Dallas tinha escrito informando que ele e Dee tinham adotado o menino. "Ouvi dizer que sou seu tio agora".

"Você não precisa ser, nós não temos o mesmo sangue. Apenas se você quiser ser".

Austin puxou o menino para perto dele. "Ah, claro que eu quero ser".

Por que ele não tinha percebido que estas crianças continuariam a crescer sem ele ao redor, fazendo-o perder tanto?

Ele ouviu o som de pés minúsculos enquanto quatro meninas pequenas surgiam, suas vozes altas o lembravam do gorjear de pássaros. "Papai! Papai! Papai!".

Ajoelhando, Houston embalou três meninas loiras contra o peito. Amelia tinha dado a luz a Laurel no Natal antes de Austin partir para a prisão. Amanda e A. J. tinham sido apenas palavras

rabiscadas em uma carta até agora. Assim como Faith, a beleza de cabeleira escura que Dallas erguia nos braços.

"Você está em casa!", Dee chorou.

Alta e esbelta, ela era uma maravilhosa visão para olhos cansados enquanto graciosamente deslizava através da varanda, o sorriso brilhando o suficiente para cegar um homem.

"Você ficou magrelo", ela disse enquanto abraçava Austin e batia em suas costas.

"Eles não cozinham como você".

Ela riu. Deus, ele tinha se esquecido como um riso verdadeiro e desinibido lavava um homem e o preenchia com alegria desenfreada.

"Eu não cozinho", ela o lembrou. "Amelia cozinha". Ela andou para o lado. Antes de poder respirar, Amelia o envolvia com os braços, abraçando-o com força. A primeira mulher que tinha entrado em suas vidas. Deus, ele a amava tanto... quase tanto amava Becky.

Quando Amelia se afastou, Austin sorriu. "Eu sei que uma daquelas meninas tem que ser Laurel Joy. Ela não podia nem engatinhar quando eu parti. As outras ainda não estavam aqui".

"Você terá bastante oportunidade para conhecer e se enturmar", Amelia o assegurou. "Agora nós temos ceia esperando".

"Soa como o paraíso. Eu não tenho uma comida decente... há anos".

Amelia e Dee deslizaram as mãos pelos braços dele e o levaram para casa. Como um homem perdido no deserto, Austin procurava algo familiar que o guiasse em direção ao abrigo bem-vindo da família, mas ele não achou nada. Um retrato de Dallas e sua família estava na parede. Um novo tapete estava no corredor.

As meninas passaram apressadas por ele enquanto entravam na sala de jantar. A mesa velha de carvalho não havia mais, tinha sido substituída por uma mais longa que pudesse acomodar a família crescente. Dallas e Houston tinham colocado as meninas nas cadeiras altas antes de tomarem seus lugares. Maggie bateu levemente na cadeira vazia entre ela e Rawley. "Sente com a gente, Tio Austin".

Parecendo inesperadamente desajeitado e fora de lugar, ele se jogou na cadeira. Diante dele havia uma tigela cheia até a borda com guisado, o vapor subindo em espirais. A boca de Austin encheu d'água. Ele não tinha percebido o quão faminto estava. Ele levantou a colher, se curvou para frente e colocou os cotovelos sobre a mesa, permitindo que seus braços circulassem a tigela, formando uma barreira protetora ao redor de seu jantar. Ele sorveu duas colheradas antes dos cabelos de trás de seu pescoço se arrepiarem e ele percebeu que todo mundo estava olhando para ele.

Ele se virou e viu o olhar de Maggie. Com olhos verdes e arregalados, ela o olhava como se ele fosse um estranho.

"Você não acha que vai roubar minha comida, vai?", ele perguntou, a voz baixa, e teve medo de ter falhado miseravelmente em fazer brincadeira com seu comportamento estranho.

Ela apertou os lábios, sua testa se enrugando enquanto ela lentamente movia sua cabeça de um lado para o outro.

Austin se endireitou e deu uma olhada em torno da mesa, perguntando-se por que ele se sentia tão isolado quando estava cercada por sua família. "Minhas desculpas. Parece que eu me esqueci de como se come ao redor de pessoas decentes".

"Não há nenhuma necessidade em se desculpar", Amelia disse. "Nós somos uma família, pelo amor de Deus. De qualquer maneira, você devia ter comido nesta mesa nos últimos cinco anos".

Ele trocou o olhar para Dallas. Eles tinham viajado para o rancho da mesma maneira que eles tinham passado a vida antes de Amélia chegar—não fazendo nenhuma pergunta, não compartilhando nenhum sofrimento. "Acredito que você vai querer conversar sobre isto".

Dallas agitou a cabeça. "Era sua vida, sua decisão. Mas você devia saber que eu contratei um detetive para achar o assassino de Boyd. Infelizmente ele não teve sorte".

"Ele ainda está procurando?"

"Ele não está mais se dedicando a isso, mas mantém os ouvidos atentos. Quem quer que tenha sido que matou Boyd, sabia o que estava fazendo. Não deixou qualquer evidência".

"Por que nós não discutimos isto depois do jantar?", Dee sugeriu.

Se esticando, Dallas cobriu a mão de Dee. "Desculpe. Às vezes, é difícil lembrar que Boyd era seu irmão".

Dallas não podia ter falado palavras mais verdadeiras. Boyd McQueen possuía um temperamento que parecia ter sido uma cria do diabo, enquanto Dee tinha a índole de um anjo.

"Eu tenho bolo mármore esperando na cozinha", Amelia anunciou. "Nós precisamos comer enquanto ainda está morno".

Bolo quente e guisado, sorrisos constantes e os modos inocentes de crianças. Austin tinha-os dado por certo na sua juventude, mas ele estava determinado a apreciar este momento.

A noite tinha caído quando Austin estava de pé na varanda e assistia a carroça cheia que ia para o norte com a família de Houston. Uma lua crescente sorria no céu escuro, estrelas piscando ao lado dela. "Eu não consigo acreditar que Houston tenha tantas meninas", Austin disse.

Girando o olhar na direção da carroça, Dallas se debruçou contra a viga. "Eu acho que pode haver outra a caminho. Amelia não comeu muito hoje à noite".

"E você e Dee? Vocês vão ter mais nenhum?"

Dallas lentamente agitou a cabeça. "Não. Faith foi um milagre que nós não estávamos esperando. Acredito que um homem deve se considerar o mais sortudo dos homens quando tem um milagre em sua vida".

Austin entendia de milagres. Ele tinha um esperando por ele. "Acho que vou dar um passeio na cidade".

Um silêncio preencheu o ar, espesso, pairando, como se algo precisasse ser dito. Permissão, Austin achava que era isso. Ele estava esperando que Dallas desse a ele permissão para sair sozinho mas ele não pediria mais o consentimento do irmão. Ele era um homem crescido, livre para ir e vir como desejasse. Ele andou para fora da varanda.

"Becky está casada", Dallas disse com a voz baixa.

Austin sentiu como se alguém o tivesse acertado firmemente com os punhos na boca do estômago. Incapaz de levar até eles, ele temeu que seus joelhos pudessem faltar. Ele colocou o braço em torno da viga para que não tropeçasse abaixo os degraus restantes. Engolindo em seco, ele forçou as palavras a passarem pelo nó doloroso que tinha se formado em sua garganta. "Becky Oliver?"

Dallas o encarou honestamente. "Sim".

"Com quem ela se casou?"

"Cameron".

Cameron McQueen? Irmão da Dee? Austin tragou a bÍlis em chamas que subia em sua garganta. "Quando?"

"Mais ou menos dois anos atrás".

Austin encarou o irmão. "Por que diabos você não mencionou essa notícia nas suas cartas?"

"Eu não achei que a prisão seria o melhor lugar para você saber disto".

"Você poderia ter me dito isso a qualquer momento durante os últimos dias".

"Não vi qualquer razão para arruinar sua volta ao lar".

Sua volta ao lar? Sem Becky ele não tinha nenhum lar para voltar. Ele saltou da varanda e bateu no chão firme com um propósito em seus passos largos.

"Aonde você está indo?", Dallas gritou atrás dele.

"Aonde diabos eu quisera", Austin deu de ombros enquanto andava altivamente em direção ao celeiro.

Ele nunca tinha selado um cavalo tão depressa nem montado tão firme quanto agora. Trovão Negro estava batendo os cascos acabando com a distância entre Austin... e Becky.

Quando as luzes tênues das lamparinas de Leighton surgiram, queimando na noite, Austin puxou as rédeas. O garanhão protestou e parou rápido se empinando, seu relincho ecoando através das planícies vastas. Austin recuperou o controle e bateu levemente no pescoço suado do cavalo. "Desculpe-me, velho".

Ele virou o olhar em direção à cidade. Ele podia ver a silhueta do Magnífico Hotel de Dee. E a estação de trem. Os caminhos da via férrea alcançaram a cidade enquanto ele tinha estado na prisão. Ele viu o esboço de edifícios que não reconhecia, ruas, casas, uma cidade... uma cidade que ele um dia tinha conhecido... uma cidade que era agora dolorosamente nada familiar.

E em algum lugar dentro daquela cidade, embaixo das sombras da noite, Becky estava deitada dentro dos braços de outro homem.

A dor o cortou, intensa, dominante. E as lágrimas que ele tinha segurado por cinco longos anos, tortuosos anos, finalmente tinham atingido a liberdade. Curvando a cabeça, ele cravou os dedos nas coxas enquanto os soluços faziam seu corpo estremecer.

Becky o tinha abandonado quando ele mais tinha precisado dela... e ele nem tinha sabido disso.

As memórias o tinham levado até o armazém geral. Os negócios tinham florescido em ambos os lados do prédio de frente falsa onde Becky Oliver tinha trabalhado com o pai. Ele se ressentiu por todas as estruturas que cheiravam a madeira nova, se ressentiu por todas as coisas que continuavam as mesmas.

Ele parou o cavalo e encarou a placa que ainda dizia ARMAZÉM GERAL OLIVER. Becky vivia nos cômodos acima da loja. Uma luz pálida se derramava pelas janelas de cima então Austin percebeu que ela ainda vivia lá—com Cameron.

Ele desmontou, amarrou o cavalo na grade e caminhou ao longo da rua entre os dois edifícios. Ele olhou para o local onde tinha beijado Becky pela primeira vez. Cameron a teria beijado lá? O estômago dele se revirou com o pensamento.

Ele ouviu a pancada de um engradado batendo no chão. Enquanto dobrava a esquina, com a luz da lamparina agarrada contra a parede da loja, ele viu Cameron McQueen levantar um engradado de madeira da carroça e empilhá-lo próximo à porta da parte de trás e agarrar outro. Se ele e Cameron ainda fossem amigos, ele o teria perturbado por causa do avental branco engomado que ele usava por cima da camisa branca impecável.

Cameron agarrou outra caixa, e então parou como se sentisse a presença de outra pessoa. Ele deu uma olhada por cima do ombro, seu cabelo loiro caindo através da testa. Com olhar cauteloso, ele o abordou devagar. "Austin, é bom ver você".

"Eu aposto que sim". Austin jogou o punho contra o rosto de Cameron. Cameron cambaleou para trás e bateu no chão com uma pancada irritante que soou como se um engradado de tomates tivesse caído e virado.

"Levante, seu filho da mãe!".

Movendo o maxilar de um lado para outro, Cameron rolou. "Eu não vou lutar com você".

"Você não tem que lutar comigo, mas pelo menos me dê a satisfação de te bater até cansar".

Cameron ficou de joelhos, perto o suficiente de Austin. Ele bateu em Cameron novamente e o mandou estatelado de volta no chão. "Você era o meu melhor amigo, maldito! Eu confiei em você!".

Cameron olhou com os olhos semicerrados para ele, sangue escorrendo junto à bochecha. "Juro por Deus, eu tentei não a amar".

"Não foi o suficiente. Levante-se".

Cameron ficou de pé com dificuldade, os braços oscilando de um lado para o outro como pás quebradas de um moinho de vento.

"Ao menos levante as mãos e me dê alguma satisfação", Austin ordenou.

Cameron agitou a cabeça. "Se você quer me bater até cansar, vá em frente. Eu não vou te impedir".

Uma ira impotente surgiu em Austin. Ele bateria nele até cansar, certo—ou talvez mais. Ele puxou o braço

"Cameron!", uma voz doce o chamou.

Austin virou a cabeça. A luz da lamparina iluminava Becky enquanto ela permanecia de pé na entrada, segurando um menino contra o peito.

Ela era a coisa mais bonita que ele já tinha visto. Os anos roubados começaram a se derreter, da maneira que ele sabia que iriam.

"Papai!", o menino chorou, se torcendo nos braços da mãe. Os anos vieram de volta furiosamente. Ela não era Becky Oliver, sua garota. Ela era Becky McQueen, esposa de seu melhor amigo.

"Cameron, você ainda não acabou?", Ela perguntou suavemente.

Austin percebeu então que as sombras o escondiam, que a luz da lamparina não o tocava. De onde estava, Becky não podia ver o sangue que escorria pelo rosto de Cameron.

"Eu estarei aí em um minuto", Cameron disse tranquilamente, mantendo o perfil voltado para ela.

"Bem, não demore muito. A ceia está ficando fria". Ela desapareceu na loja, e Austin soube que ela estava provavelmente subindo os degraus que levavam para o segundo andar, para a casa que ela compartilhava com Cameron.

"Juro por Deus, Austin, eu não queria que as coisas ficassem desse jeito", Cameron disse com a voz baixa.

Austin deu um passo ameaçador na direção dele. Cameron vacilou mas não foi para trás. "Pense nisto", Austin disse, a voz fervendo com dor e traição. "Ela me amou primeiro".

"Acredite em mim, esse pensamento me assombra noite e dia".

Austin desejou apenas ter batido em Cameron novamente e mantido sua boca fechada. Ele queria machucar o homem, e ele sabia pelo desespero que havia nos olhos azuis de Cameron que ele tinha conseguido isso. Ele não sabia por que esse conhecimento não trazia nenhuma satisfação mas apenas servia para aumentar sua raiva pela situação que era incapaz de mudar.

Ele vivamente movimentou a cabeça. "Bem, eu estou contente por ouvir isto". Abruptamente, ele se girou e andou a passos largos pela ruela até que ele alcançou a passarela de madeira. Ele nunca tinha se sentido tão perdido em toda vida.

Embora sua família tivesse dado boas-vindas a ele com os braços abertos, ele não se sentia mais parte deles. Seus irmãos tinham esposas, crianças e negócios bem sucedidos. E o que Austin tinha? Nada além de uma reputação manchada que ele nunca deveria ter possuído.

Andando altivamente pela passarela de madeira, ele ficou surpreso por seus pés não racharem as tábuas com o peso de sua raiva enquanto ia em direção à outra extremidade da cidade onde a taverna se situava.

A fumaça deixava o ar espesso e ele entrou furiosamente através das portas de balanço da taverna. Um espelho dourado enorme estava na parede atrás do bar e refletia os fregueses que ocupavam as cadeiras ou estavam de pé contra as paredes.

Ele sentiu olhares sobre si, e mesmo entre o estrondo de vozes e risos roucos, ele achava que ouvia as pessoas severamente sussurrando seu nome. Ele andou relaxadamente em direção ao bar lotado e enganchou o salto de sua bota na grade de metal que corria ao logo do bar. Os homens próximos se moveram para longe como ele tivesse feridas infeccionadas sobre o corpo. Ele jogou uma moeda no contador. "Uísque".

O garçom do bar levantou um vidro e despejou a bebida fermentada cor de âmbar, o olhar nunca deixando Austin. Sempre espantava Austin o fato de Beau poder servir bebidas sem nenhuma vez olhar o que estava fazendo.

"Ouvi dizer que você voltaria para casa logo", Beau disse enquanto olhava Austin cautelosamente.

"Bem, você ouviu direito". Austin cruzou os braços sobre o bar e se debruçou para frente ligeiramente.

Beau colocou o copo cheio na frente dele. "Eu não quero nenhum problema aqui".

"Eu não planejo começar nenhum", Austin o assegurou.

Com um aceno de cabeça rude, Beau andou relaxadamente para a outra extremidade do contador, enxugando a madeira à medida que ia nadando. Um calafrio glacial passou pela espinha de Austin. Ele detestava a sensação de ser observado e julgado. Na prisão, os guardas o tinham encarado, cachorros tinham seguido todos seus movimentos, outros prisioneiros o observavam e mediam com seus próprios padrões baixos.

Ele virou a cabeça ao redor e parou o clarão azul dos olhos em Lester Henderson. O digno banqueiro estava de pé no bar, os olhos escuros presos em um rosto que muito se assemelhava a massa de pão. Evitando o olhar dele, Lester bebeu o restante de sua cerveja. Ele passou uma mão gorducha pela boca, endireitou os ombros e abordou Austin.

"Eu não tive nenhuma escolha a não ser votar culpado", Henderson disse, a voz presa. "A evidência".

"Eu sei qual era a evidência. Eu estava no maldito julgamento".

"Não posso dar um empréstimo para um homem que acabou de sair da prisão".

"Eu pedi um empréstimo?".

"Não, mas eu apenas queria poupá-lo de pedir". Henderson correu para longe como um esquilo que tinha achado a última noz no chão.

Austin envolveu o copo com os dedos e estudou o conteúdo. Assim que terminasse o uísque, ele iria começar a limpar seu nome. Ele não acreditava que levaria muito tempo. Ele sempre soube que Duncan McQueen tinha jogado a culpa nele.

Ele trouxe o copo para os lábios, se inclinou para trás e viu o reflexo de uma faca levantada em sua direção.

Ele rapidamente se moveu, mas não depressa o suficiente. A dor agonizante rasgou suas costas. Ele se jogou para o lado, girou e jogou o punho contra o rosto de Duncan McQueen antes que o homem pudesse atingi-lo novamente. Enquanto Duncan cambaleava para trás, Austin agarrou a mão que segurava a faca e a jogou com força contra o contador de madeira. A faca caiu no chão.



Austin sentiu um punho bater inesperadamente em seu queixo. Dor ricocheteou por sua cabeça enquanto seus joelhos faltavam. Ele bateu contra o chão duro, a escuridão invadindo sua vista. Ele ficou de joelhos, tentando ficar de pé, o gosto amargo de sangue enchendo sua boca.

"Seu bastardo!", Duncan rugiu antes de se jogar sobre Austin.

Austin mudou seus esforços, saltou para o lado e chutou Duncan no joelho. Grunhindo, Duncan caiu no chão e agarrou a faca. O ódio queimava brilhantemente dentro de seus olhos escuros enquanto de um salto ele ficava de pé. "Cinco anos! Isto foi tudo que eles deram a você por ter assassinado meu irmão porque Dallas é dono desta parte do estado. Eles deviam ter enforcado você!", ele brandiu a faca sangrenta pelo ar. "Eu é que vou dar a justiça que você merece".

"Não em minha taverna!", Beau disse enquanto dobrava a esquina do bar, uma arma de fogo na mão. Ele empurrou o ombro de Duncan. "Para trás".

Com a cabeça latejando e as costas pulsando, Austin lutou para ficar de pé e encarou Duncan. "Do que diabos você está furioso, Duncan? Você matou Boyd e fez parecer que fui eu que fiz".

"Não vejo como pode ter sido isso", Beau disse com a fala arrastada. "Duncan apareceu aqui de tarde e ficou sentado naquele canto direito ali até o amanhecer se embriagando".

"Por que eu mataria meu irmão?", Duncan perguntou, repugnância em sua voz.

Essa era a uma resposta que Austin não tinha.

"Todo mundo sabe que você o assassinou", Duncan rosnou.

Austin observou os homens que se reuniam em torno do bar. Conhecer o que havia em seus olhos falou mais alto do que palavras de Duncan. Ele não via nenhuma dúvida. Nenhum olhar de interrogação. Ele viu nada além de certeza absoluta olhando para ele. Todos pensavam que ele tinha assassinado Boyd McQueen.

"Por que diabo teria meu irmão escrito seu nome no chão antes de morrer?", Duncan exigiu.

Por que realmente?

Austin se sentou atrás dos degraus da casa de Dallas e olhava para a lua. Ele deu de ombros, fazendo careta com a dor causada pelo movimento. Depois de deixar a taverna, ele parou na casa do médico, mas o homem não estava lá. Quando Austin chegou a casa, a hemorragia tinha parado assim ele simplesmente mudou de camisa. Não havia nenhuma necessidade de alarmar sua família. Eles tinham tido preocupação suficiente nos últimos cinco anos. Além disso, ele tinha sobrevivido a coisas piores na prisão.

Ele ouviu a porta se abrir e o eco de passos suaves. Examinando por sobre o ombro, ele viu Dee se sentar ao lado dele no degrau.

"Você estava certa. Você me disse que cinco anos eram uma eternidade quando uma pessoa não tem liberdade", ele disse na quietude da noite.

Usando os dedos, ela tirou as mexas escuras do cabelo dele da testa. "Nem todas as prisões vêm com paredes. Dallas era a chave que abria a minha".

Austin virou o olhar dela para o pátio de estrelas, permitindo que um silêncio sociável caísse ao redor deles.

"Qual é nome do filho deles?".

"Andrew. Nós o chamamos de Drew", Dee disse tranquilamente.

"Eu bati no pai dele hoje à noite".

"Eu não estou bem certa de que Cameron não mereceu". Ela colocou a mão sobre a dele. "Mas eu sei o quanto ele ama Becky. Eu acho que ele pode tê-la amado antes de você ir para a prisão".

"Isso não faz o que ele fez certo".

Ela suspirou. "Eu sei que isto é difícil para você, mas Dallas perdoou Houston por tomar Amelia dele. Talvez com o tempo, você possa perdoar Cameron—"

"Minha situação é completamente diferente da de Dallas. Tudo o que ele tinha dado a Amelia era um bilhete de trem. Eu dei a Becky meu coração e cinco anos da minha vida".

"Becky ofereceu testemunhar que estava com você na noite em que Boyd foi morto, mas você não permitiu isto. Você não pode culpá-la agora pelos anos que você passou na prisão. Não é justo".

"A vida nunca é justa, Dee. Ter Houston e Dallas como irmãos deveria ter me ensinado isso há muito tempo, mas eu tive que aprender sozinho". Ele olhou em direção ao horizonte. "Tanta coisa mudou. Tudo é diferente do que eu esperava".

"Nem tudo. Seu violino é o mesmo. Eu cuidei dele como você pediu. Eu estava esperando que você tocasse algo para mim hoje à noite".

Ele deu uma olhada na silhueta do instrumento que descansava em seu colo. "Eu não ouço mais a música, Dee. Enquanto eu estava na prisão, ela secou e morreu".

Ele ficou de pé e caminhou para o celeiro. Ele precisava montar, sentir o vento bater contra o rosto. Ele tinha terminado de selar Trovão Negro quando ouviu um baque e um grunhido virem da parte de trás do celeiro. Ele andou a passos largos para o cômodo de trás e espiou o lado de dentro. Rawley lutava para mover uma caixa. "Você não deveria estar na cama?", Austin perguntou.

Rawley se virou, o rosto queimando vermelho claro. "Eu queria limpar este cômodo primeiro. Preciso valer o que ganho".

Austin se debruçou contra a armação da porta. "Rawley, você sempre trabalhou mais duro do que eu já fiz, e Dallas nunca me excluiu".

"Você tem o sangue dele, eu não". Rawley caminhou para a mesa de trabalho e começou a colocar no lugar as ferramentas que outra pessoa tinha deixado espalhadas.

"Isso não importa para Dallas"

"Importa para mim".

Austin estudou o menino enquanto ele arrumava o cômodo. "Foi por isso que você não aceitou o nome de Dallas quando ele adotou você?".

Rawley parou. "Eu percebi que era melhor assim". Ele estudou Austin. "Eu sempre me perguntei... o que você fez para conseguir uma cidade com o seu nome?".

Austin sorriu. "Eu não tenho uma cidade com o meu nome".

"Claro que tem. Eu fui uma vez em uma cidade chamada Austin".

"A capital? É o contrário. Eu que tenho o nome da capital. Nosso pai nos deu nomes de cidades", a mente de Austin começou a girar com as possibilidades. "Por Deus".

"O quê?", Rawley perguntou.

"Eu preciso ir". Austin correu através do celeiro, montou em Trovão Negro e galopou noite afóra.

Uma hora mais tarde, ele batia na porta do segundo andar do armazém geral. Quando a porta abriu, a voz ficou presa em sua garganta. Por que ele não tinha considerado que poderia ver Becky se viesse aqui? Por que a dor tinha que apunhalar seu coração, rasgando um ferimento ainda aberto?

Deus todo poderoso, ele desejava poder odiá-la. Ele queria sacudi-la. Queria gritar com ela. Mas, acima de tudo, ele queria abraçá-la, sentir o corpo dela contra o dele, seu calor derretendo o gelo que tinha penetrado a alma dele.

"Eu preciso conversar com Cameron", ele disse rápido.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

